

# **Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 2, Introdução e História da Disciplina de Arqueologia Bíblica, Parte 2**

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon e seus ensinamentos sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 2, Introdução e História da Disciplina de Arqueologia Bíblica, parte dois.

A próxima história que temos é outro tipo de história dos anais de Indiana Jones, por assim dizer.

A propósito, se algum público quiser ler mais sobre isso, uma boa fonte é um livro chamado *Digging for God and Country*, de Neil Asher Silverman. Este é seu primeiro livro e, na verdade, o melhor dele. Mas ele entra em detalhes sobre isso.

Mas de qualquer forma, no final do século XIX, havia um espiritualista finlandês chamado Juvelius. E ele estava recebendo passagens codificadas, mensagens codificadas sobrenaturalmente de Salomão no belo inglês King James, aliás. E ele acreditava saber onde estava o tesouro do templo, embaixo do Monte do Templo, e que havia uma passagem secreta.

E ele estudou alguns dos relatórios do FPE [Fundo de Doações à Palestina], mas sentiu que sabia exactamente onde estava esse tesouro. Bem, entra o capitão Montague Parker. Ele era uma espécie de jovem britânico de elite que queria um pouco de aventura e foi atraído por Juvelius e suas bobagens.

E então, acredite ou não, ele caiu nessa e arrecadou na época uma enorme quantia de dinheiro, US\$ 125 mil. Isto foi no início do século 20 e eles lançaram uma expedição para encontrar o tesouro de Salomão em 1909 em Jerusalém. Agora, com esse dinheiro, ele conseguiu untar as mãos de muitos funcionários otomanos, conseguiu seu firman ou permissão em Istambul, mudou-se para Jerusalém e alugou esta linda casa no Monte das Oliveiras, e gastou dinheiro como ninguém. , contratando pessoas e comprando suprimentos e outros enfeites.

Ele tinha 11 meses, então estava cavando na cidade de David tentando encontrar essa passagem. A única coisa que Montague Parker fez que foi meio inteligente foi contratar Louis Vinson, da École Biblique, um arqueólogo genuíno.

E durante toda essa confusão e escavação em massa, Vinson manteve alguns registros e publicou-os como um livro chamado *Jerusalém Souterre* ou *Jerusalém Subterrânea* em 1911, eu acho. De qualquer forma, ele não estava encontrando

nada. Ele estava desesperado para fazer algumas descobertas e o dinheiro estava acabando.

E assim, Montague Parker subornou o vigia do Domo da Rocha, o santuário muçulmano no topo do Monte do Templo. Com licença. E assim, ele e seus trabalhadores subiam à noite com roupas escuras e abriam, entravam no santuário muçulmano, abriam, arrancavam o piso e começavam a cavar do santuário até o próprio Monte do Templo.

Depois de algumas noites, eles foram capturados, como você pode imaginar. Montaram nos cavalos e cavalgaram o mais rápido que puderam até Jaffa e embarcaram no iate por uma margem estreita. Todo mundo estava correndo atrás deles.

E isso criou, como podem imaginar, um incidente internacional e tanto que saiu nos jornais. E muitos funcionários otomanos envergonhados e muitos funcionários britânicos envergonhados por causa deste caso com Montague Parker. E não, nada foi encontrado.

Mas ele cavou e limpou alguns dos, sobre os quais falaremos mais tarde, Warn Shaft e alguns dos antigos túneis de água que forneciam água para a antiga Jerusalém. Mas para o que procurava, não teve sucesso. Outro mau exemplo de arqueólogo é o irlandês Robert Alexander Stuart McAllister ou RAS McAllister.

Ele também trabalhou para o FPE, contratou um grande número de aldeões e administrou as coisas praticamente sozinho. Ele tinha um capataz egípcio e escavou o local de Gezer. Gezer, sobre a qual falaremos mais tarde, foi uma das cidades fortificadas por Salomão.

Cidade muito importante. E McAllister escavou. Acho que uma escavadeira poderia ter feito um trabalho melhor.

Ele cavava uma trincheira enorme e aterrava na lateral e depois cavava outra trincheira e aterrava na trincheira que acabara de escavar e basicamente revirava todo o monte. E ele não estava mantendo registros com rapidez suficiente. Havia muito o que fazer.

Ele perdeu o controle. E eles tiveram algumas descobertas fabulosas, algumas pequenas descobertas, mas muitos, uma quantidade inacreditável de dados foram perdidos só porque ele simplesmente não conseguia manter registros. Seus planos principais, seus planos das antigas muralhas e tudo mais estavam misturados, confusos.

E no geral foi uma escavação desastrosa. E Gezer foi escavado novamente mais tarde, nas décadas de 1960 e 70, e mais tarde, na verdade, recentemente novamente. Mas o trabalho de três volumes de McAllister, o seu relatório, tem um valor muito limitado devido à sua metodologia horrível.

Agora, por outro lado, George Reisner, que era professor de Harvard e egiptólogo, foi convidado a entrar porque havia outra escavação em andamento na Samaria bíblica. Foi iniciado por um arqueólogo alemão, Gottlieb Schumacher. E ele estava no mesmo campo que McAllister e, Deus me livre, Montague Parker.

E então Reisner veio do Egito, substituiu-o a convite dos superiores e fez um trabalho maravilhoso para sua época. Você pode ver as datas aqui, de 1908 a 1910. Ele foi capaz de reconhecer diferentes níveis de estratos, encontrar pontos e fazer elevações cuidadosas.

Foi um grande sucesso. E Reisner era um homem muito grande e corpulento. E você verá fotos dele com seus trabalhadores, e você não pode sentir falta dele.

Mas ele era um Hoosier. E aqui na Universidade Andrews, temos a correspondência e os registros dele. Mas Samaria foi uma escavação muito bem sucedida.

Como você pode ver aqui, esta é uma peça de cerâmica, talvez de Samaria, talvez não, com alguma escrita nela. Isso é chamado de óstraco. Houve uma série de óstracon, bastante singular, óstraca, plural.

Houve uma série de óstracos encontrados em Samaria, datados da virada dos séculos IX e VIII, que foram muito importantes, uma descoberta muito importante. E Reisner foi encontrado em sua escavação. Um dos meus heróis pessoais é TE Lawrence, famoso por Lawrence da Arábia.

E Lawrence da Arábia, claro, foi um oficial de inteligência do Exército Britânico que realmente trabalhou com o exército árabe e ajudou a derrubar os otomanos durante a Primeira Guerra Mundial na Transjordânia, principalmente. Mas TE Lawrence foi, na verdade, treinado como historiador e arqueólogo. E ele trabalhou com outro jovem arqueólogo britânico, Leonard Woolley, no local de Carchemish, local de uma famosa e horrível batalha entre os sírios, os egípcios e os babilônios e, claro, uma cidade antiga muito famosa.

Mas foi contratado pelo FPE pouco antes da Primeira Guerra Mundial, quando as nuvens de guerra se acumulavam sobre a Europa; ele foi contratado para fazer um levantamento, ambos na Península do Sinai. E, novamente, isso aconteceu sob o disfarce da ciência. Eles queriam mapear e registrar locais e monumentos antigos.

Mas, na realidade, seu trabalho era de natureza mais secreta e militar. Eles procuravam rotas através da Península do Sinai, do Egito para chegar à Palestina. E caso o exército britânico conseguisse invadir a Palestina, que estava sob controle otomano, eles queriam saber para onde ir, onde estavam as fontes de água, e assim por diante.

Lawrence e Woolley examinaram o deserto, que chamaram de Deserto de Zin, a Península do Sinai, e reconheceram o local de Kedesh Barnea, Ein Kedesh, que é retratado aqui na parte inferior central. É claro que foi ali que os israelitas acamparam durante a maior parte dos 40 anos no deserto. Mas eles também fizeram muito trabalho de pesquisa e mapearam muitos locais, instalações e inscrições.

E eles voltaram para Londres e escreveram esse relatório em tempo recorde, e ele apareceu logo quando a guerra estourou. E isso foi de grande utilidade para as forças britânicas no Egito sobre como atravessar aquele deserto e chegar à Palestina. E, claro, Lawrence continuou, e o resto é história com ele, quando liderou o Exército Árabe de Libertação da Arábia Saudita, conquistou Aqaba, e depois subiu e finalmente conquistou Damasco em 1918.

Ok, mencionamos Albright antes; obtivemos uma imagem semelhante dele, um graduado da Johns Hopkins, e provavelmente um dos mais brilhantes estudiosos bíblicos e orientistas que eles usaram naquela época, a terminologia e os arqueólogos que já existiram. Ele tinha basicamente, em seu intelecto, dominado a maioria das línguas do Antigo Oriente Próximo, se não todas elas, e todo o material e todos os estudos. Ele sabia muito bem de cor.

Ele era certamente um gênio. Seus alunos, e seus alunos, e seus alunos na escola, se você quiser chamar assim, continuam até hoje. Mas você pode ver sua bibliografia, que inclui quase 1.200 publicações científicas.

Inacreditável. Ele iria para Israel, ele é um defensor ferrenho do estado de Israel, e falaria, daria palestras em hebraico bíblico para pessoas que falavam hebraico moderno. E, claro, eles adoram isso.

Sua obra-prima foi realmente da Idade da Pedra ao Cristianismo, o que é uma espécie de declaração sobre suas crenças e seu conhecimento. E esse era o seu campo. Ativo por muitos e muitos anos, editor de muitas publicações.

Novamente, ele foi diretor da Escola Americana em Jerusalém. Mas é um fato engraçado sobre Albright: sua primeira escavação foi neste local bem aqui, que fica no meio de uma comunidade israelense, um dos subúrbios de Jerusalém. E era um monte, um túmulo, por assim dizer.

E ele queria escavar isso, então escavou uma trincheira bem no meio dela, que infelizmente parecia ser o fundo de alguém. E assim esse site ficou conhecido como Albright's Bottom, embora os israelenses provavelmente não o tenham dito tão bem. Mas era um túmulo, e estes eram basicamente memoriais para os reis de Judá.

A quantidade de túmulos a oeste de Jerusalém corresponde quase perfeitamente à quantidade de reis de Judá. E eles são mencionados nas escrituras. E acender uma fogueira em homenagem ao rei que partiu.

E então, o que ele escavou foi um desses, acreditamos. Mas não foi o melhor começo para que sua reputação fosse conhecida por isso. Os americanos da Universidade de Chicago queriam fazer algo grande na Terra Santa.

E assim, recorreram a John D. Rockefeller, conseguiram um financiamento muito bom, contrataram Clarence Fisher, arquiteto e ceramista, e começaram a escavar no sítio bíblico de Megido. E a ideia disso era apenas, camada por camada, descascar esse local até a rocha. E mesmo com o dinheiro de Rockefeller, e claro, a Segunda Guerra Mundial também não ajudou, eles simplesmente não conseguiram levar a cabo esse plano, esse sonho.

Mas eles removeram muitos estratos de Megido e publicaram isso depois da guerra, ou um pouco antes da guerra e depois em vários volumes. Mas foi um projeto enorme, enorme, sob o comando de muitos diretores, houve alguns, na verdade, muito foi escrito apenas sobre a escavação aqui, mas encontrei algumas descobertas dramáticas e falaremos sobre elas à medida que avançamos. A pesquisa judaica, da qual falamos, continuou com Sukenik e seus alunos.

E alguns dos lugares que eles escavaram, novamente em pequena escala, nada parecidos com os europeus e americanos, mas sinagogas, seções do terceiro muro de Jerusalém, muralhas defensivas da era do Novo Testamento, Ramat Rachel, um palácio dos reis de Judá, ao sul de Jerusalém, Beit Sherem, novamente uma necrópole, um cemitério judaico e outros lugares também. E, novamente, para não insistir no fato de que esta é outra espécie, talvez uma inspiração para nosso amigo Indiana Jones, é a vida de Nelson Glueck. Glueck foi um rabino judeu que estudou na Alemanha e se tornou presidente do Hebrew Union College em Cincinnati.

Mas ele também foi discípulo e aluno de Albright e aprendeu cerâmica e arqueologia com Albright. E ele era uma figura muito romântica. Ele fez muitas pesquisas, principalmente a leste do Jordão antes da guerra e depois a oeste do Negev de Israel depois de 1948.

E ele também, tal como TE Lawrence, foi contratado pelo OSS [Escritório de Serviços Estratégicos], o antecessor da CIA, para inspecionar o Sinai, inspecionar o Negev e procurar locais e rotas que o exército britânico pudesse seguir se fossem derrotados

por Rommel no Egito e empurrados para a Palestina, como recuar. E essa foi uma tarefa importante que ele teve durante a guerra. Ele também escavou o local chamado Tell el-Khalifeh, que pode ser identificado como a Eilat bíblica.

E então ele fez muito, escreveu muitos livros, muitos livros populares, não tantas publicações científicas como provavelmente gostaria. Ele não fazia os seus relatórios, muitos dos seus relatórios, mas era uma figura muito famosa, uma figura muito romântica, muitas vezes retratada num jipe com uma espingarda enquanto andava por aí e fazia os seus levantamentos. Fluente em árabe e fluente em hebraico moderno, portanto se sente à vontade tanto com os árabes quanto com os israelenses.

Outra, devo dizer, uma figura pitoresca na história da arqueologia bíblica é uma senhora britânica chamada Kathleen Mary Kenyon. E ela trabalhou em Samaria, não com Reisner, mas com Crowfoot posterior e outros, e Sukenik na década de 1930, mas escavou para si mesma em Jericó e Jerusalém nas décadas de 1950 e 1960. E ela era aluna de Mortimer Wheeler, e então ela fez seu próprio estilo de escavação usando trincheira e estratificação, e foi muito, muito popular e muito bem-sucedida em Jericó.

Ela foi para Jerusalém depois de terminar com Jericó, sem muito sucesso, e seus resultados em Jerusalém não foram tão espetaculares. E é importante quando, como estudante, se você lê relatórios, relatórios populares e relatórios científicos desses arqueólogos, você precisa saber de onde eles vêm e onde reside sua lealdade. Infelizmente, Kenyon era conhecido como antissemita.

Ela era agnóstica e muito teimosa em suas crenças. Se algo fosse descoberto ou descoberto que provasse que ela estava errada, ela ignoraria. E então você tem que ler, como todos nós, temos que ler muito criticamente, e seus relatórios, novamente, precisam ser lidos criticamente com isso em mente, porque ela tinha certos eixos para trabalhar, por assim dizer.

Depois que Sukenik e seus alunos amadureceram e começaram a escavar, a arqueologia israelense começou a florescer e florescer, e hoje é uma força importante na arqueologia de Israel e da Terra Santa, certamente no próprio Israel. Mas começou pequeno e cresceu a partir daí. Tel Qasile era um pequeno assentamento filisteu nos arredores, ao norte de Tel Aviv, escavado em 1950 por Benjamin Mazar, a pessoa aqui no canto superior esquerdo.

Hazor foi a primeira grande escavação feita pelos israelenses. Novamente, uma importante cidade do Antigo Testamento, uma das maiores, na verdade a maior durante o final da Idade do Bronze no país. E todos os israelenses, esse era basicamente o seu campo de treinamento, a sua sala de aula.

E contrataram um famoso arqueólogo francês, Jean Perrault, para ajudar e dar-lhe algum crédito ou seriedade. Mas Hazor foi um grande avanço para a arqueologia israelense e fez descobertas incríveis e muito bem-sucedidas. Ashdod, novamente, era uma grande cidade filisteia, então eles se transformaram em um importante sítio filisteu, e que foi escavado por Moshe Dotan, não muito bem feito e, infelizmente, não tão importante e bem-sucedido como em Hazor.

Arad, que era uma cidade no Negev, onde fica a parte semi-árida do sul de Israel, foi escavada por Ruth Amiran e Yohanan Aharoni. Amiran está no canto superior direito, Aharoni está no meio à direita. E isso também gerou resultados mistos.

O controle estratigráfico sob Aharoni foi fraco. Amiran teve um sucesso muito melhor com sua parte do site. Agora, o site de Amiran era do período dos patriarcas, os primeiros patriarcas.

Era um local do início da Idade do Bronze. Cidade linda, muito bem preservada. Aharoni escavou um forte da Idade do Ferro, que era muito complexo e, infelizmente, ainda não foi publicado na íntegra.

Eles ainda estão trabalhando nisso, seus alunos. A segunda maior, provavelmente até eclipsando Hazor, foram as escavações de Masada. E muitos de nós já ouvimos Masada, talvez assistimos a uma minissérie de TV anos e anos atrás sobre ela.

Mas Massada era um planalto rochoso em forma de navio de guerra, no deserto da Judéia, com vista para o Mar Morto. Essa foi Masada, ou uma fortaleza que foi originalmente construída pelos Hasmoneus, reis judeus que governaram no século I aC, e depois desenvolvida por Herodes, o Grande e seus sucessores. Isso foi assumido pelos rebeldes judeus durante a revolta judaica de 66 a 70 DC e caiu nas mãos dos romanos.

E, claro, bem documentado, bem escrito por Flavius Josephus. E isso foi escavado por Yigal Yadin, centro-esquerda, novamente filho de Eleazar Sukenik, o primeiro arqueólogo israelense. Yadin era um general do exército israelense e, portanto, era arqueólogo e general e tinha uma espécie de dimensão militar em sua infraestrutura e organização da escavação.

Esta escavação foi a primeira a receber voluntários estrangeiros para escavar. E assim, pessoas de todo o mundo vieram para Israel e cavaram em Masada em 1964-65. E muito, muito popular.

E isso tocou o coração e a alma de Israel porque os defensores de Masada supostamente cometeram suicídio, segundo Josefo, em vez de cair sob o controle romano. E assim, houve uma ligação muito forte com a componente israelita desta

escavação, e ainda o é até hoje, apesar de alguns argumentos do outro lado. Portanto, alguns dos arqueólogos importantes estão listados aqui.

Mais uma vez, tudo já faleceu. Seus alunos e seus alunos estão agora em campo. O que os americanos estão fazendo? Bem, depois de Albright, os alunos de Albright, seu melhor aluno foi Jairus Wright, que lecionou em Harvard e escavou em Siquém e Gezer, novamente assumindo o lugar do desastre que Macalester deixou muitas décadas antes.

Wright e seus alunos treinaram os arqueólogos que ainda trabalham hoje, mais ou menos. Wright, devo acrescentar, era um crente cristão. Frequentava a igreja todos os domingos quando estava em Jerusalém, na Igreja Presbiteriana Escocesa, e escrevia a partir de uma perspectiva cristã.

E um de seus livros famosos foi *The God Who Acts*. Ele acreditava que a exatidão histórica da Bíblia é um componente vital, novamente, para a exegese e a inspiração. Pesquisas regionais.

Fazer uma escavação arqueológica é caro. Escavar um sítio, uma forma muito mais barata de tentar compreender o que aconteceu num sítio é fazer um levantamento, um levantamento arqueológico. Isso significa simplesmente fazer com que um grupo de estudantes e funcionários caminhe cuidadosamente por um local e observe todas as características, a topografia e quaisquer instalações que encontrar, bem como recolha fragmentos de cerâmica.

Cacos de panela, novamente, são pedaços quebrados de cerâmica. Falaremos sobre a importância da cerâmica na interpretação arqueológica, e as pesquisas farão isso. Agora, eles têm limitações.

Não se pode, antes de certo, um sítio que não tenha sido habitado durante um determinado período porque não se encontrou cerâmica. Você pode encontrá-lo em uma escavação e talvez não o tenha encontrado na pesquisa. Os fragmentos de pesquisa ou de superfície costumam estar surrados e desgastados e são difíceis de ler.

Mas as pesquisas são ótimas porque você pode ter uma visão geral, novamente, com a compreensão de que haverá lacunas nessa imagem, mas você pode obter uma visão geral sem escavar, fazendo a escavação corretamente. E assim, locais ou regiões, devo dizer, foram escavados ou, desculpem-me, pesquisados após a Guerra dos Seis Dias [1967], quando Israel conquistou a Cisjordânia por este grupo de arqueólogos israelitas. Enquanto isso, na Jordânia, um grupo de estudiosos adventistas fez pesquisas em locais na Jordânia.

Isso é muito importante porque, desde então, esses sites foram construídos, reconstruídos e esses dados teriam sido perdidos. Mas agora temos uma ideia dos padrões de assentamento onde as pessoas viviam e do tamanho desses assentamentos, embora não tenhamos escavado todos eles com base nos dados desta pesquisa. Então, as pesquisas são muito, muito importantes e são feitas até hoje.

A arqueologia é uma disciplina muito atrativa para as mulheres. E tem havido muitas mulheres arqueólogas muito famosas. É apenas uma espécie de conhecimento superficial que reuni aqui.

As mulheres são atraídas pela disciplina e também são muito, muito boas. Atenção aos detalhes, não sei o que é, mas há muitas mulheres arqueólogas de muito sucesso. E alguns dos mais importantes, novamente, são mostrados aqui.

Kathleen Kenyon está no canto superior direito. Claire Epstein fez muitas pesquisas sobre o Calcolítico nas Colinas de Golã na década de 1960 em diante. Na verdade, ela era uma cidadã britânica que imigrou para Israel e se tornou israelense.

Olga Tufnell, ao lado dela, à esquerda dela, era uma estudante britânica de Petrie e depois de Starkey. Ela escavou, ou não apenas escavou, mas também escreveu os relatórios de um importante sítio arqueológico de Laquis depois que seu diretor foi assassinado pelos árabes em 1938. Ela passou 15 anos escrevendo esses relatórios, e eles eram excelentes e ainda são usados hoje.

Dorothy Garrod, você pode ver o nome dela ali em cima, foi uma pré-historiadora. Ruth Amiran, esta é sua biografia em hebraico, uma especialista em cerâmica. Crystal Bennett ficou famosa por suas escavações em Edom, na Transjordânia.

E ela faleceu em 1993. Ruth Hestrin, à sua direita, trabalhou no Museu de Israel e estudou muito objetos de culto e artefatos desse tipo.

Trudy Dotan era a Sra. Filistéia em Israel. Ela era uma especialista nos filisteus, escreveu extensivamente sobre eles e escavou sítios filisteus. Miriam Tadmor, esposa de Chaim Tadmor, um assiriologista muito famoso, também foi curadora e estudiosa do Museu de Israel. Carol Myers, com os óculos na testa, foi ou é arqueóloga do período do Segundo Templo, do período do Novo Testamento em Duke.

E então Sharon Zuckerman aqui embaixo, arqueóloga da Idade do Bronze e do Ferro na Universidade Hebraica. Infelizmente, todas essas mulheres aqui faleceram. Cada um deles, exceto Carol Myers, que acho que está chegando aos 90. Tenho a data de nascimento dela? Estamos em 1942. Ok, então ela tem 81 anos. Ela não é tão velha, graças a Deus.

Mas todos os outros já passaram. Mas há uma novidade totalmente nova, há mais pioneiros, há toda uma nova safra ou geração de mulheres arqueólogas que seguiram seus passos e estão florescendo hoje. Ok, nova arqueologia.

Este é o último slide da nossa segunda apresentação aqui. E isso se tornou popular na década de 1970. E antes da década de 1970, os arqueólogos visitavam um local.

Eles não necessariamente coletariam os ossos. Eles não coletavam sementes ou restos carbonizados. Eles apenas escavariam arquitetura, cerâmica e artefatos.

E há muito mais para ser descoberto. E assim, a nova arqueologia é basicamente a ideia de abordar um sítio de forma holística, obtendo todos os dados que pudermos e recuperando os dados completos. Isso significa coletar todos os ossos, coletar todas as sementes, coletar todo o material faunístico, fazer peneiração úmida, flotação e retirar todo o material orgânico disso.

E dessa forma você tem uma visão muito maior do que aconteceu, do que aconteceu, que eventos aconteceram naquele local, quem morava lá, o que estavam fazendo. E é muito, muito útil. É muito caro porque você precisa ter especialistas em todas essas disciplinas na sua equipe, mas você obtém muito mais dados.

Portanto, a nova arqueologia incorpora muitas das disciplinas antropológicas, das quais a arqueologia faz parte, para obter mais respostas da cultura e da vida cotidiana. E quando você vê um site como Khirbet Qeiyafa que quase não tem ossos de porco, isso indica imediatamente que aquelas pessoas não estavam comendo porco. Talvez tenhamos um site israelita aqui.

E coisas assim, responde a perguntas como essa. E você pode ver todos os diferentes especialistas que são utilizados nesta abordagem multidisciplinar. Novamente, caro, mas muito, muito útil para ter uma visão geral do seu site, não apenas para responder a perguntas com foco bíblico.

Já falamos muito sobre o que aconteceu no lado oeste do rio Jordão, em Israel e na Palestina, mas a arqueologia prosperou em menor grau na Transjordânia e está ganhando impulso neste momento. Tudo começou, novamente, com o estabelecimento do Reino Hachemita da Jordânia em 1946 e do Departamento de Antiguidades, principalmente sob liderança britânica. G. Lancaster Harding, o cara com o cigarro à direita embaixo, foi o primeiro diretor ali.

Mas os americanos, principalmente americanos, e alguns outros grupos, também europeus, vieram para a Jordânia e começaram a estudar e escavar na outra metade do que chamamos de metade oriental da Terra Santa. E um dos primeiros pioneiros

foi Siegfried Horn. E na verdade estamos indo até você; isso está sendo registrado no Horn Museum da Andrews University; foi aqui que ele ensinou.

Horn tem uma história interessante. Ele era súdito alemão e missionário na Indonésia quando estourou a Segunda Guerra Mundial. Por causa de sua nacionalidade, ele foi colocado em um campo de prisioneiros de guerra britânico. Ele deu aulas de hebraico e Antigo Testamento aos presidiários.

Mas ele foi aluno de Albright e formou-se em egiptologia pela Universidade de Chicago. E ele finalmente estava pronto, Andrews não é uma universidade grande, mas ele conseguiu o financiamento, conseguiu o apoio e estava pronto para escavar um local. Então, ele foi até todos os principais locais de sua época e fez a mesma pergunta.

E ele disse que vou lhe dar 10 sites importantes que você gostaria de escavar se estivesse apenas começando como eu. E, claro, isso acontece mais tarde em sua vida; ele já estava na casa dos 50 anos. Um nome que estava em todas as listas de Roland de Vaux, Wright, dos israelenses, Albright e outros era o local de Tel Heshbon.

E Tall ou Tel Hisban é um local na Jordânia que a maioria dos estudiosos ainda acredita ser a Heshbon bíblica. Esse foi o primeiro local que os israelitas conquistaram sob o comando de Moisés, no lado leste do Jordão. Foi um rei amorreu chamado Siom quem controlou Hesbom.

E assim, este foi um momento crítico na história bíblica, então ele queria escavar o sítio de Tal Hisban. E então, ele começou lá em 1967. E ele reuniu todo o seu grupo e foi escavar Hisban e a Guerra dos Seis Dias estourou.

Então ele teve que esperar mais um ano e começou em 1968. E essa escavação durou até 1976 e o trabalho continuou em 1978. E muitos achados lá.

Porém, não há descobertas da época de Sihon, o amorreu. E isso é algo sobre o qual falaremos mais adiante no curso. Mas da expedição original a Heshbon, como ele a chamou, surgiu o Projeto das Planícies de Madaba.

As planícies de Madaba ficam no centro da Jordânia, o planalto conhecido como Mishor em hebraico, Ha Mishor. Era um projeto adventista, e as escolas adventistas começaram a escavar vários locais nas planícies de Madaba. Eles ampliaram seus horizontes, escavaram vários locais e também fizeram pesquisas.

E assim, estamos muito orgulhosos disso na Universidade Andrews aqui em alguns dos nossos trabalhos que estão em andamento nas Planícies de Madaba. O estado atual da investigação na Jordânia é misto e tivemos alguns problemas de

comunicação com as autoridades jordanianas. Novamente, falo em 2023, mas esperamos trabalhar lá por muitos, muitos mais anos.

Outro luminar que preciso mencionar é William G. Deaver. Agora ele foi aluno de Jernus Wright, novamente aluno de Albright, então ele é um albrightiano de terceira geração, se você quiser usar esse termo. E ele ainda está vivo, novamente ele tem 89 anos enquanto falamos aqui.

E ele é uma figura um tanto colorida. Alguns de seus amigos o chamam de Wild Bill, e outros o reconhecem como um equivalente arqueológico de Ozzy Osbourne, o roqueiro de choque, e explicaremos isso em um minuto. Ele é uma vida pessoal e, novamente, sempre digo aos meus alunos para entenderem quem estão lendo.

E se você estiver lendo um relatório de um arqueólogo, saiba o que ele ou ela é, quais são suas crenças. E de onde eles vêm, porque isso, mesmo que tentem não fazê-lo, irá influenciar sua interpretação. Ele cresceu em um ambiente cristão muito conservador, basicamente se afastou disso, tornou-se o que ele chama de humanista agnóstico judeu.

E nas décadas de 1970 e 1980 ele iniciou uma cruzada, uma espécie de cruzada pessoal, para basicamente eliminar o termo arqueologia bíblica. Não tenha essas duas palavras juntas. Ele sentiu que isso barateava a disciplina científica com um bando de batedores da Bíblia saindo e tentando encontrar evidências da história bíblica.

Ele teve muito sucesso ao chamá-la de Arqueologia Palestina em Série ou outros termos, mas não de arqueologia bíblica. Infelizmente, isso causou enormes danos aos seminários e faculdades cristãos. Eles desistiram de enviar arqueólogos para escavações, excluíram a arqueologia de seus programas e simplesmente se afastaram da disciplina.

Deaver, porém, não creio que ele alguma vez tenha admitido isso, deu uma espécie de meia-volta e realmente fez esforços conjuntos para reavivar o interesse nesta disciplina, que ele ainda não quer chamar de arqueologia bíblica. E, na verdade, as visitas visitaram faculdades e universidades cristãs conservadoras para incentivar o trabalho de campo. E alguns dos seus alunos são cristãos conservadores e estão fazendo isso.

Mas causou muitos danos à disciplina da arqueologia bíblica ao menosprezar o envolvimento cristão nela. E então, Deaver é meio confuso. Ele escreveu alguns livros excelentes, um dos quais é O que os escritores bíblicos sabiam e quando eles souberam? que é basicamente uma resposta para o próximo slide que vamos mostrar, e outros que são mais, eu diria, polêmicos.

Deus teve uma esposa? Novamente, a ideia de uma deusa no antigo Israel. E então Deaver é uma pessoa meio misturada e uma figura muito colorida, mas ainda está ativo em sua idade avançada e é uma pessoa interessante para conversar e ouvir. Ok, e finalmente ficamos com um grupo de estudiosos chamados Minimalistas.

Eles não gostam de se chamar assim, mas é assim que os outros os chamam. E eu mostro este slide, e mostro o slide de Deaver, para aqueles de vocês que olham coisas online ou compram livros porque muitas dessas pessoas escrevem muitos livros. Eles estão sempre em especiais de TV ou especiais do History Channel, e têm um microfone na frente deles, e estão dizendo coisas sobre as quais precisamos conversar porque são bastante controversas.

Eles são de diferentes etnias e origens. Temos dinamarqueses, temos americanos, temos britânicos, temos israelenses aqui que também são minimalistas. E eles dizem coisas, eles têm uma visão muito cética das Escrituras e quase ao ponto de serem, e eu usei o termo Minimalista aqui, e isso é muito, eu acho, preciso para alguns deles.

Alguns deles têm coisas sombrias que não revelam, mas valores do tipo anti-semita, e é lamentável, mas qualquer tipo de literatura, livros ou artigos escritos por essas pessoas precisam ser lidos criticamente. Algumas das coisas que dizem são boas, talvez, mas outras são muito, muito controversas e fáceis, creio eu, de refutar. Mas eles estão por aí e na mídia.

A mídia adora essas pessoas e você vai vê-las sendo muito entrevistadas, e elas são muito charmosas. Israel Finkelstein no canto superior direito, novamente, um estudioso muito brilhante, uma pessoa muito charmosa quando você o conhece, mas ele absolutamente tenta desconstruir a Bíblia e quase ao ponto de ser hilário o que ele faz. Enfim, mas essas pessoas estão por aí e você tem que tomar cuidado com elas.

Ok, o slide final da nossa apresentação é uma espécie de credo que usamos aqui na Universidade Andrews, e espero que, como cristãos, se vocês fizerem trabalho de campo ou forem voluntários em uma escavação, vocês também se apegarão a essas afirmações. O primeiro, e isso é feito pelo meu orientador, Dr. Randy Yonker, que propôs o seguinte: não minimize os problemas nem estenda as interpretações para explicar as coisas. Em outras palavras, declare o que você encontrou, não distorça os dados para ajustá-los ao seu entendimento ou interpretação bíblica.

E isso acontece muito, infelizmente. Não faça afirmações além do que os dados podem suportar. Tenho que ser honesto e totalmente transparente, eu fiz isso.

E eu disse, isto poderia ser isto, e penso que há uma boa indicação disso, e temos de ter cuidado ao fazer afirmações porque podem muito bem não ser verdadeiras. Seja

rápido e completo na publicação dos resultados. Este é quase um problema epidêmico na arqueologia.

As pessoas escavam, mas não publicam os seus relatórios. Temos que compreender – veremos isso mais tarde num slide – que a arqueologia é uma ciência destrutiva. Você não pode voltar e escavar novamente a mesma coisa.

Então, se você não publicar seus resultados, esses dados serão perdidos. Muitas pessoas não publicam seus resultados. Está melhorando, e muitas escavações antigas que definharam na publicação estão sendo publicadas.

Mas isso tem que ser feito. Envolve-se e trabalhe com bolsas de estudo convencionais. Não seja paroquial e permaneça em um contexto cristão.

Trabalhe com pessoas de diferentes credos e crenças e trabalhe em conjunto. Inclua uma diversidade de pessoas e especialistas. Falamos sobre isso no novo slide de arqueologia.

E finalmente, leve a sério a história da Bíblia, mas não coloque sobre a arqueologia o ônus de provar a Bíblia. Às vezes a arqueologia pode provar a Bíblia, e às vezes pode mostrar fortes evidências da veracidade das Escrituras. Mas não sempre.

A arqueologia tem limitações. Às vezes não é possível fazer isso. Temos que entender isso e não tentar forçar as evidências.

Obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon e seus ensinamentos sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 2, Introdução e História da Disciplina de Arqueologia Bíblica, parte dois.